1888 OSCAR WILDE

O Rojão Notável



TRADUÇÃO DE
CAROL CHIOVATTO

SRL

1888 OSCAR WILDE

O Rojão Notável



TRADUÇÃO DE
CAROL CHIOVATTO

SRL

Sociedade das Relíquias Literárias

Tradução:
Carol Chiovatto

Preparação:
João Rodrigues

Revisão:
Karine Ribeiro

Capa e projeto gráfico:
Marina Avila

Ilustração de capa:
Bruno Félix

2022 ISBN

Copyright 2022 Editora Wish. Este material possui direitos de tradução e publicação e, ao não divulgá-lo sem prévia autorização da editora, você está nos ajudando a continuar publicando raridades para os leitores. Agradecemos por isso.




UMA RELÍQUIA DE

Ainda este mês

Livro do semestre

Uma fantasia satírica e ricamente ilustrada publicada em 1854 será enviada gratuitamente, em formato e-book, a todos os apoiadores!

Sinopse

Em abril, o céu será colorido por fogos de artifício com fortes opiniões.

Todos os súditos do reino aguardam, com grande celebração, a esperada união entre o filho do rei e a belíssima princesa russa. Após se apaixonarem perdidamente à primeira vista, é chegada a hora do casamento.

Uma cerimônia magnífica, um banquete exorbitante e um baile de gala foram organizados para

comemorar a união do jovem casal. E, com ela, uma grande queima de fogos de artifício é preparada para fechar as celebrações e presentear a princesa que nunca havia visto tal espetáculo.

Entretanto, enquanto a festa acontece, os fogos de artifício se envolvem em uma calorosa discussão. Entre eles, o Rojão Notável, que tem algumas opiniões bem fortes sobre si mesmo.

Escrito por um dos mais famosos nomes da literatura, *O Rojão Notável* chega para incluir Oscar Wilde no *hall* dos autores cujos contos são publicados com exclusividade pela Sociedade das Relíquias Literárias.

The Happy Prince

and Other Tales by

Oscar Wilde

illustrated by

Walter Crane

& Jacomb

Hood

1888

O Rojão Notável

Oscar Wilde, 1888

O filho do rei ia se casar e, por conta disso, houve júbilo geral. Ele havia esperado um ano inteiro pela noiva e enfim ela chegara. Era uma princesa russa, e viera desde a Finlândia em um trenó puxado por seis renas. O trenó tinha a forma de um grande cisne dourado, e entre suas asas vinha a princesinha. Seu comprido manto de pele de arminho alcançava-lhe os pés; na cabeça, trazia uma minúscula touca de tecido prateado. Era tão pálida quanto o Palácio de Neve onde sempre vivera. Tão pálida que, conforme avançava pelas ruas, todos a admiravam.

— Ela é como uma rosa branca! — exclamavam, e jogavam-lhe flores de cima das varandas.

No portão do castelo, o príncipe aguardava para recebê-la. Tinha olhos sonhadores cor de violeta e seu cabelo era como ouro fino.

Quando a viu, abaixou-se sobre um joelho e beijou a mão dela.

— Seu retrato era bonito, mas você é mais bonita do que seu retrato — murmurou ele.

A princesinha corou.

— Antes ela parecia uma rosa branca — disse um jovem pajem ao vizinho —, mas agora parece uma rosa vermelha.

E com isso a Corte ficou encantada.

Durante os três dias que se seguiram, todo mundo perambulava dizendo: “rosa branca, rosa vermelha, rosa vermelha, rosa branca”, e o rei deu ordens para que dobrassem o salário do pajem. Como este não recebia salário algum, isso não lhe foi muito útil, mas foi considerado uma grande honra e, logo, devidamente publicado na Gazeta da Corte.

Quando os três dias se passaram, celebrou-se o casamento. Foi uma cerimônia magnífica, e a noiva e o noivo caminharam de mãos dadas sob um dossel de veludo roxo bordado com pérolas pequeninas. Houve um banquete oficial que durou cinco horas. O príncipe e a princesa sentaram-se no alto do Grande Salão e beberam de um cálice de cristal límpido. Apenas verdadeiros amantes podiam beber desse cálice, pois, se lábios falsos o tocassem, este viria a se tornar cinzento, opaco e turvo.

— Está claro que eles se amam — disse o pajenzinho —, está claro como cristal!

E o rei dobrou seu salário uma segunda vez.

— Que honra! — exclamaram todos os cortesãos.

Depois do banquete haveria um baile. A noiva e o noivo dançariam juntos a *rose dance*, e o rei prometera tocar flauta. Ele tocava muito mal, mas ninguém jamais ousara lhe contar, afinal era o rei. Na verdade, só sabia duas melodias, e nunca tinha muita certeza de qual das duas estava tocando; mas não importava, pois, para qualquer coisa que fizesse, todos exclamavam:

— Encantador! Encantador!

O último item da programação seria uma grandiosa exibição de fogos de artifício, a ser iniciada à meia-noite em ponto. A princesinha nunca tinha visto tais fogos na vida, de modo que o rei ordenara ao pirotécnico real que comparecesse no dia do casamento.

— Como são os fogos de artifício? — perguntara ela ao príncipe certa manhã, andando no terraço.

— São iguais à aurora boreal — disse o rei, que sempre respondia a perguntas dirigidas a outras pessoas —, só que muito mais naturais. Eu mesmo os prefiro às estrelas, porque você sempre sabe quando vão aparecer e, além disso, são tão encantadores quanto eu tocando flauta. Sem dúvida você deve vê-los.

Assim, haviam montado uma grande plataforma numa ponta do jardim do rei e, tão logo o pirotécnico real pôs tudo em seu devido lugar, os fogos começaram a conversar entre si.

— O mundo decerto é muito bonito — declarou um pequeno busca-pé. — Olhem só aquelas tulipas amarelas. Ora! Nem se

fossem petardos de verdade seriam tão adoráveis. Estou muito feliz de ter viajado. Viajar aperfeiçoa a mente maravilhosamente e acaba com todos os preconceitos de uma pessoa.

— O jardim do rei não é o mundo, seu busca-pé tolo — disse uma vela romana grande. — O mundo é um lugar enorme, e seriam necessários três dias para vê-lo todo.

— Qualquer lugar que você ame lhe passa a ser o mundo! — exclamou uma pensativa roda de Catarina, a qual fora apegada a uma velha caixa de abeto no início da vida e orgulhava-se de seu coração partido. — Mas o amor não está mais na moda; os poetas o mataram. Escreveram tanto a seu respeito que ninguém acreditou neles, e não me surpreende. O verdadeiro amor sofre e é silencioso. Eu me lembro de mim antigamente… mas agora não importa. O romance é coisa do passado.

— Bobagem! — disse a vela romana. — O romance nunca morre. O romance é como a lua e vive para sempre. Os noivos, por exemplo, amam-se profundamente. Ouvi tudo sobre eles hoje de manhã, de um cartucho de papel pardo que por acaso estava na mesma gaveta que eu e sabia das últimas notícias da Corte.

No entanto, a roda de Catarina sacudiu a cabeça.

— O romance morreu, o romance morreu, o romance morreu — murmurou.

Era uma dessas pessoas que acham que, se você disser a mesma coisa repetidas vezes sem parar, ela acaba virando verdade.

De repente, ouviu-se uma tosse seca e brusca e todos olharam ao

redor.

Vinha de um rojão alto e cujo ar era arrogante, preso à extremidade de um bastão comprido. Ele sempre tossia antes de fazer qualquer comentário, a fim de chamar atenção.

— Ahum! Ahum! — disse ele, e todos o escutaram, exceto a pobre roda de Catarina, que ainda sacudia a cabeça, murmurando “o romance morreu”.

— Ordem! Ordem! — exclamou um petardo. Era político, mais ou menos, e sempre tomava uma parte proeminente nas eleições locais, de maneira que conhecia as expressões parlamentares adequadas para se usar.

— Mortinho da silva — sussurrou a roda de Catarina e então foi dormir.

Assim que tudo ficou em perfeito silêncio, o rojão tossiu uma terceira vez e começou. Falava com uma voz muito lenta e elegante, como se ditasse suas memórias, e estava sempre olhando por sobre o ombro da pessoa com quem conversava. Na verdade, tinha modos bastante distintos.

— Que sorte a do filho do rei se casar no exato dia em que vão me soltar — apontou ele. — Realmente, se isso houvesse sido arranjado com antecedência, as coisas não poderiam ter dado mais certo para ele. Mas príncipes são sempre sortudos.

— Ah, céus! — disse o pequeno busca-pé. — E eu achando que era o contrário, que iriam nos soltar em homenagem ao príncipe.

— Isso pode até ser, em relação a você — respondeu o rojão. —

De fato, não tenho dúvida de que seja o caso, mas comigo é diferente. Sou um rojão muito notável e, além disso, venho de pais notáveis. Minha mãe foi a roda de Catarina mais célebre de sua época, famosa por sua dança graciosa. Quando fez sua aparição pública, rodou dezenove vezes antes de se apagar e, a cada vez que o fez, jogou no ar sete estrelas rosa. Tinha pouco mais que um metro de diâmetro e era feita da melhor pólvora. Meu pai era um rojão como eu, de origem francesa. Subiu tão alto que as pessoas tiveram medo de que ele nunca mais descesse. Ele o fez, no entanto, pois era de temperamento gentil, e efetuou a mais resplandecente descida numa chuva dourada. Os jornais escreveram sobre seu desempenho sob termos muito elogiosos. De fato, a Gazeta da Corte chamou-o de um triunfo da arte pilotécnica.

— Pirotécnica, pirotécnica, você quis dizer — corrigiu uma luz de Bengala. — Eu sei que é “pirotécnica”, pois vi escrito em minha própria lata.

— Bom, eu disse piloténica — respondeu o rojão, num tom severo, e a luz de Bengala sentiu-se tão humilhada que de imediato começou a maltratar os pequenos busca-pés, a fim de mostrar que ainda era uma pessoa de certa importância.

— Eu ia dizendo… — continuou o rojão. — Ia dizendo… O que mesmo eu ia dizendo?

— Você estava falando de si mesmo — respondeu a vela romana.

— Ah, sim, claro. Eu sabia que estava discutindo algum assunto interessante quando fui interrompido de maneira tão rude. Odeio

rudeza e maus modos de toda sorte, pois sou extremamente sensível. Ninguém no mundo inteiro é tão sensível quanto eu, disso tenho certeza.

— O que é uma pessoa sensível? — perguntou o petardo à vela romana.

— Uma pessoa que, por ter calos próprios, sempre pisa no pé dos outros — respondeu a vela romana num sussurro, e o petardo quase explodiu em gargalhadas.

— Ora, do que estão rindo? — indagou o rojão. — Eu não estou rindo.

— Estou rindo por estar feliz — respondeu o petardo.

— Essa é uma razão muito egoísta — disse o rojão, irritado. — Que direito você tem de estar feliz? Deveria pensar nos outros. Na verdade, deveria pensar em mim. Eu estou sempre pensando em mim e espero que todos façam o mesmo. Isso é o que se chama de empatia. É uma bela virtude, e a possuo em alto grau. Suponha, por exemplo, que alguma coisa acontecesse comigo hoje à noite, que tragédia seria para todo mundo! O príncipe e a princesa nunca mais seriam felizes, a vida inteira de casados deles estaria estragada. Quanto ao rei, eu sei que ele nunca superaria. Realmente, quando começo a refletir sobre a importância de minha posição, sou quase levado às lágrimas.

— Se você quer dar alegria aos outros, é melhor manter-se seco — declarou a vela romana.

— Certamente! — exclamou a luz de Bengala, que agora estava

de melhor humor. — É mero senso comum.

— Senso comum, de fato! — disse o rojão, indignado. — Vocês se esquecem de que eu sou muito incomum e muito notável. Ora, qualquer um pode ter senso comum, dado que não tenha imaginação. Mas eu tenho imaginação, pois nunca penso nas coisas como de fato são; sempre penso nelas como sendo bem diferentes. Quanto a me manter seco, está evidente que aqui não há ninguém capaz de apreciar um temperamento emotivo. Felizmente para mim, não me importo. A única coisa que sustenta uma pessoa ao longo da vida é a consciência da imensa inferioridade do resto do mundo, e este é um sentimento que sempre cultivei. Mas nenhum de vocês tem coração. Aqui estão, rindo e se divertindo como se o príncipe e a princesa não tivessem acabado de se casar.

— Bom, por que não? — perguntou uma minúscula lanterna de papel. — É uma ocasião das mais alegres, e quando eu subir pelo ar pretendo contar tudo para as estrelas. Você vai vê-las piscarem quando eu lhes falar da bela noiva.

— Ah, que visão mais banal sobre a vida! — disse o rojão. — Mas é o que eu já esperava. Não há nada em vocês; são ocos e vazios. Ora, talvez o príncipe e a princesa venham a residir numa região onde haja um rio profundo, e talvez eles tenham só um filho, um menininho loiro de olhos violeta, assim como o príncipe; e talvez algum dia ele saia para andar com a babá, e talvez a babá vá dormir sob um grande sabugueiro, e talvez o menininho caia no rio profundo e se afogue. Que terrível infortúnio! Coitados, perder o único filho! É realmente terrível demais! Nunca vou superar isso.

— Mas eles não perderam o único filho — disse a vela romana. — Nenhum infortúnio lhes acometeu.

— Eu nunca disse que tinha — replicou o rojão. — Disse que poderia. Se eles houvessem perdido o único filho, não haveria necessidade de dizer mais nada sobre o assunto. Odeio quem chora sobre o leite derramado. Mas, quando penso que poderiam perder o único filho, decerto sou muito afetado.

— Com certeza você é! — exclamou a luz de Bengala. — Na verdade, você é a pessoa mais afetada que já conheci.

— E você é a pessoa mais rude que já conheci — rebateu o rojão. — E não consegue entender minha amizade com o príncipe.

— Ora, você sequer o conhece — grunhiu a vela romana.

— Nunca disse que o conhecia — respondeu o rojão. — Ouso dizer que, se o conhecesse, nunca seria seu amigo. Conhecer os amigos é algo muito perigoso.

— Acho bom você se manter seco — disse a lanterna de papel. — É a coisa mais importante.

— Muito importante para você, não tenho dúvida — respondeu o rojão. — Mas vou chorar, se eu quiser. — E, de fato, desmanchou-se em lágrimas de verdade, que escorreram por sua vara como gotas de chuva, e quase afogou dois besourinhos que acabavam de pensar em morar juntos e procuravam um bom lugar seco onde viver.

— Ele deve ter uma natureza muito romântica — disse a roda de Catarina —, porque chora quando não há razão para tanto. — E

então arquejou um suspiro profundo, e pensou na caixa de abeto.

A vela romana e a luz de Bengada, no entanto, estavam indignadas, e ficaram dizendo “embuste! Embuste!” o mais alto que conseguiam. Eram muito práticas, e sempre que tinham objeções contra qualquer coisa a chamavam de embuste.

Então a lua nasceu como um maravilhoso escudo de prata e as estrelas começaram a brilhar e, do palácio, veio um som de música.

O príncipe e a princesa guiavam a dança. Dançaram tão lindamente que os altos lírios brancos espiaram através das janelas e assistiram-nos, e as grandes papoulas vermelhas assentiram e acompanharam o ritmo da batida.

Deu dez horas, e então onze, então meia-noite. Já na última badalada todos saíram para o terraço, e o rei mandou chamar o pirotécnico real.

— Que comecem os fogos — disse o rei, e o pirotécnico real prestou uma profunda reverência e solenemente desceu até a extremidade do jardim. Tinha consigo seis assistentes, cada um carregando uma tocha acesa na ponta de uma vara comprida.

Era sem dúvida uma exibição magnífica.

Zumbindo, a roda de Catarina subiu e girou e girou. Bum! Bum!, fez a vela romana. Então os busca-pés dançaram por todo lado, e as luzes de Bengala deixaram tudo escarlate.

— Adeus! — gritou a lanterna de papel ao subir e se afastar, derrubando minúsculas faíscas azuis.

Pou! Pou!, responderam os petardos, que se divertiam imensamente. Cada um foi um grande sucesso, exceto o rojão notável. Estava tão úmido pelo choro que não deu para soltá-lo. A melhor coisa nele era a pólvora, a qual estava tão molhada de lágrimas que se tornou inútil. Todos os seus parentes pobres, com quem nunca falava exceto com um sorriso de escárnio, alçaram-se aos céus em maravilhosas flores douradas desabrochando em fogo. Uau! Uau!, gritava a Corte, e a princesinha ria de felicidade.

— Suponho que estejam me preservando para alguma ocasião grandiosa — disse o rojão. — Sem dúvida é essa a razão. — E mostrava-se mais arrogante do que nunca.

No dia seguinte, os trabalhadores vieram arrumar tudo.

— Evidentemente esta é uma delegação — disse o rojão. — Vou recebê-los com a dignidade apropriada.

E então ergueu o nariz e franziu o cenho com severidade, como se pensasse em algum assunto muito importante. Mas sequer repararam nele até estarem prestes a ir embora, que foi quando um dos operários o avistou.

— Olhem! — exclamou. — Que rojão ruim! — E atirou-o por cima do muro para dentro da vala.

— Rojão ruim? Rojão ruim? — disse este, rodopiando no ar. — Impossível! Rojão sublime, foi isso que o homem disse. RUIM e SUBLIME soam bem parecido. Na verdade, quase sempre são a mesma coisa.

E em seguida caiu na lama.

— Aqui não é confortável — observou. — Mas sem dúvida é algum tipo de termas da moda e mandaram-me para cá a fim de restabelecer minha saúde. Meus nervos decerto estão muito destruídos, e preciso descansar.

Então um sapinho, de olhos brilhantes como gemas e uma pele verde sarapintada, nadou até ele.

— Um recém-chegado, pelo que vejo! — disse o sapo. — Bem, não existe nada como lama, afinal. Dê-me um tempo chuvoso e uma vala e logo fico feliz. Você acha que a tarde será úmida? Espero que sim, mas o céu está azul e limpo. Que pena!

— Ahum! Ahum! — disse o rojão, e começou a tossir.

— Que voz agradável você tem! — exclamou o sapo. — É realmente bem parecida com um coaxar, e, claro, o coaxar é o som mais musical do mundo. Você ouvirá nosso coral hoje à noite. Nós nos sentamos no velho charco dos patos, ao lado da casa do fazendeiro, e começamos assim que a lua nasce. É tão fascinante que todos ficam acordados para nos escutar. Na verdade, ontem mesmo ouvi a esposa do fazendeiro dizer à mãe que não conseguiu pregar os olhos à noite por nossa causa. Descobrir-se tão popular é a coisa mais satisfatória.

— Ahum! Ahum! — disse o rojão, irritado. Estava muito incomodado por não conseguir dizer uma palavra.

— Decerto uma voz agradável — continuou o sapo. — Espero que você venha ao charco dos patos. Agora estou indo embora, pois preciso procurar minhas filhas. Tenho seis filhas bonitas, e tenho

muito medo de que o peixe lúcio as pegue. Ele é um completo monstro, e não hesitaria em torná-las seu café da manhã. Bem, adeus. Adorei nossa conversa, garanto.

— Conversa! — disse o rojão. — Você falou sozinho o tempo inteiro. Isso não é uma conversa.

— Alguém tem que escutar — respondeu o sapo. — E gosto de ser o único a falar. Poupa tempo e evita discussões.

— Mas eu gosto de discussões — disse o rojão.

— Espero que não — disse o sapo, complacente. — Discussões são extremamente banais, pois todos em boa sociedade têm exatamente a mesma opinião. Adeus uma segunda vez; vejo minhas filhas ao longe.

E o sapinho afastou-se nadando.

— Você é uma pessoa muito irritante — disse o rojão. — E uma muito malcriada. Odeio pessoas que falam sobre si mesmas, como você, quando alguém quer falar sobre si, como eu. É o que eu chamo de egoísmo, e egoísmo é uma coisa deveras detestável, especialmente para alguém com meu temperamento, pois sou bem conhecido por minha natureza empática. Na verdade, você deveria tomar meu exemplo; não seria capaz de conseguir modelo melhor. Agora que tem a chance, é melhor aproveitar, pois logo menos voltarei à Corte. Sou um grande favorito na Corte. Na verdade, o príncipe e a princesa casaram-se ontem em homenagem a mim. Claro que você não sabe nada sobre esses assuntos, pois é um provinciano.

— Não adianta falar com ele — disse uma libélula, acomodada no topo de um grande junco marrom. — Não adianta mesmo, porque ele foi embora.

— Bem, quem perdeu foi ele, não eu — respondeu o rojão. — Não vou parar de falar com ele meramente porque não está prestando atenção. Gosto de me ouvir falar. É um de meus maiores prazeres. Com frequência tenho longas conversas comigo mesmo, e sou tão esperto que às vezes não entendo uma só palavra do que estou dizendo.

— Então você decerto deveria lecionar filosofia — disse a libélula, abrindo um par de adoráveis asas translúcidas e alçando-se aos céus.

— Que tolice da parte dele não ficar aqui! — disse o rojão. — Tenho certeza de que não teve muitas chances de aperfeiçoar a mente. Entretanto, não me importo nem um pouco. Uma genialidade como a minha com certeza algum dia será apreciada.

E afundou-se um pouco mais na lama.

Depois de algum tempo, uma grande pata branca nadou até ele. Tinha pernas amarelas e pés palmados, e era considerada uma grande beldade por conta de seu caminhar bamboleado.

— Quá, quá, quá — disse ela. — Que forma curiosa você tem. Posso perguntar se nasceu assim ou se foi por causa de um acidente?

— É muito evidente que você sempre viveu no campo — respondeu o rojão. — Do contrário, saberia quem eu sou. E, ainda

assim, perdoo sua ignorância. Seria injusto esperar dos outros que fossem tão notáveis quanto eu. Você sem dúvida ficará surpresa de ouvir que posso subir ao céu e descer numa chuva dourada.

— Não acho isso grande coisa — disse a pata —, já que não consigo ver qual seria a utilidade disso para alguém. Agora, se você conseguisse arar as plantações como o boi ou puxar uma carroça como o cavalo, ou cuidar das ovelhas como o collie, daí sim isso valeria alguma coisa.

— Minha boa criatura! — exclamou o rojão, num tom bastante altivo. — Vejo que você pertence às ordens inferiores. Uma pessoa de minha posição nunca é útil. Temos certos talentos, e isso é mais do que o suficiente. Não tenho qualquer simpatia por nenhum tipo de atividade, menos ainda para aquelas que você parece louvar. Na verdade, sempre tive a opinião de que o trabalho duro não passa de refúgio para as pessoas que de fato não têm nada para fazer.

— Ora, ora — disse a pata, cujo temperamento era muito pacífico e nunca brigava com ninguém —, todo mundo tem gostos diferentes. Espero, de toda forma, que você estabeleça residência aqui.

— Ah, minha nossa, não — declarou o rojão. — Sou apenas um visitante, um ilustre visitante. O fato é que eu acho este lugar bastante entediante. Aqui não há nem boa sociedade nem paz para ficar a sós. Na verdade, é essencialmente suburbano. É provável que voltarei à Corte, pois sei que sou destinado a causar uma comoção no mundo.

— Eu mesma cheguei a pensar em entrar na vida pública — comentou a pata. — Há tantas coisas que precisam de reformas. Na verdade, tomei um assento numa reunião um tempo atrás, e aprovamos resoluções condenando tudo de que não gostávamos. No entanto, não pareceram surtir muito efeito. Agora gosto da vida doméstica e cuido da minha família.

— Eu fui feito para a vida pública — disse o rojão. — Assim como todos os meus parentes, até mesmo o mais humilde deles. Sempre que nós aparecemos provocamos grande furor. Eu mesmo nunca apareci de fato, mas quando o fizer será uma visão magnífica. Quanto à vida doméstica, ela envelhece uma pessoa rápido, e distrai a mente de coisas mais elevadas.

— Ah, as coisas mais elevadas da vida, como são ótimas! — disse a pata. — E isso me lembra de como estou faminta. — E afastou-se nadando pelo riacho, dizendo: — Quá, quá, quá.

— Volte! Volte! — berrou o rojão. — Tenho muito a lhe dizer. — Mas a pata não lhe deu ouvidos. E assim ele disse a si mesmo: — Estou feliz por ela ter ido embora; decididamente tem uma mente de classe média.

E afundou-se ainda mais na lama e começou a pensar na solidão do gênio, quando de repente dois menininhos de batas brancas vieram correndo pela margem, com uma chaleira e alguns feixes.

— Deve ser esta a delegação — disse o rojão, tentando parecer muito respeitável.

— Ei! — gritou um dos meninos. — Olhe só essa vara detonada!

Eu me pergunto como veio parar aqui.

E apanhou o rojão da vala.

— Vara detonada! — inconformou-se o rojão. — Impossível! Vara dourada, foi o que ele disse. Vara dourada é muito elogioso. Na verdade, ele está me confundindo com um dos dignatários da Corte!

— Vamos pôr ela no fogo — disse o outro menino. — Vai ajudar a ferver a chaleira.

Então reuniram os feixes, colocaram o rojão em cima e acenderam o fogo.

— Isso é magnífico! — exclamou o rojão. — Vão me acender em plena luz do dia, para que todos possam me ver.

— Vamos dormir agora — disseram os meninos. — E quando acordarmos a chaleira terá fervido.

Deitaram-se na grama e fecharam os olhos.

O rojão estava muito úmido, então levou bastante tempo para queimar. Contudo, finalmente o fogo pegou.

— Agora vou estourar! — exclamou, e endireitou-se, enrijecendo. — Sei que vou muito mais alto do que as estrelas, muito mais alto do que a lua, muito mais alto do que o sol. Na verdade, vou tão alto que…

Shh! Shh! Shh! E subiu direto pelos ares.

— Encantador! — gritou. — Vou subir assim para sempre. Que sucesso eu sou!

Mas ninguém o viu.

Então ele começou a sentir um curioso formigamento em todo o corpo.

— Agora vou explodir — gritou. — Vou incendiar o mundo todo, e fazer tamanho barulho que ninguém vai falar de outra coisa por um ano inteiro.

E ele certamente explodiu. Pou! Pou! Pou!, fez a pólvora. Não havia dúvidas quanto a isso.

Mas ninguém o ouviu, nem mesmo os dois menininhos, pois dormiam feito pedras.

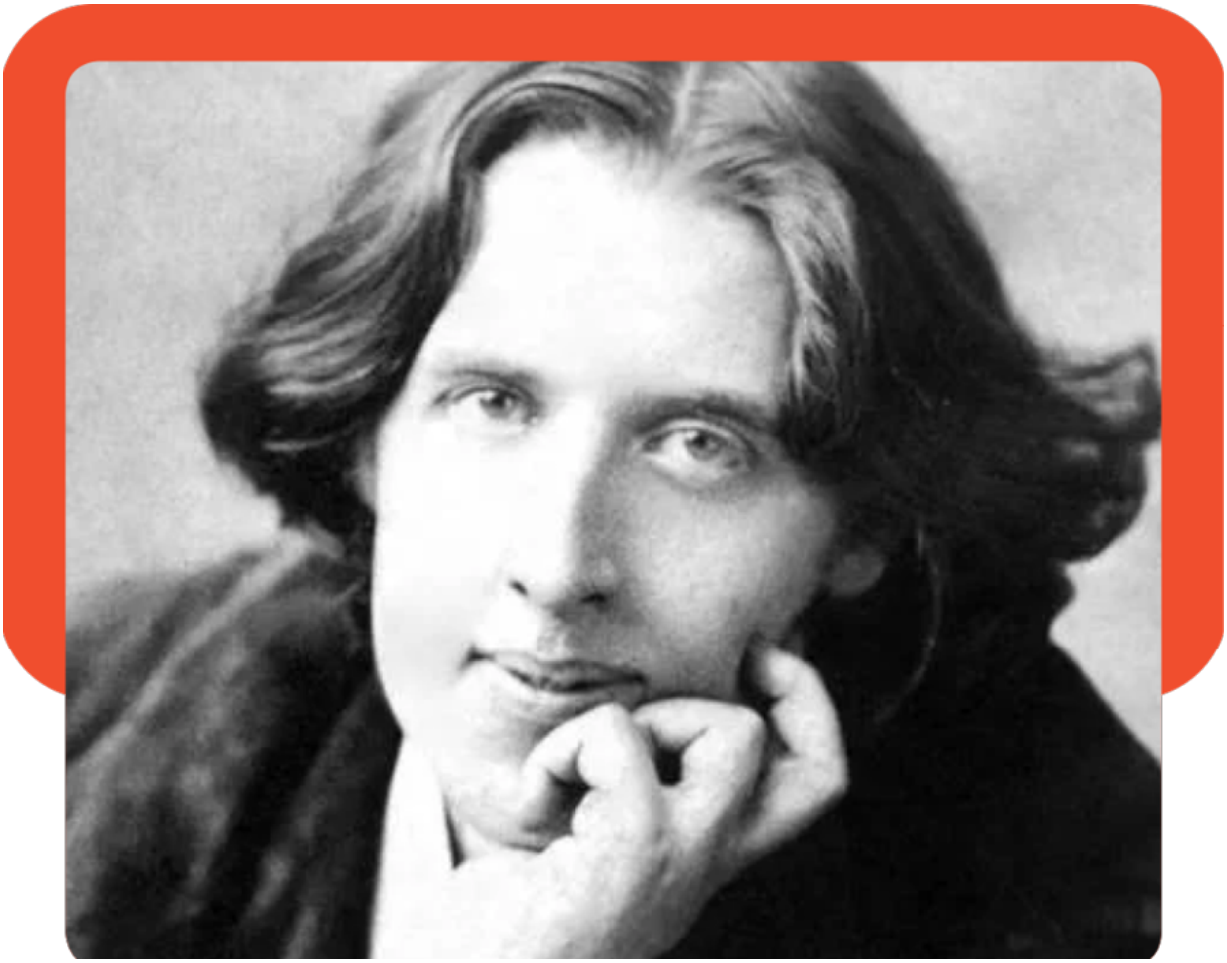
Então tudo o que sobrou dele foi a vara, que caiu nas costas de um ganso que passava perto da vala.

— Pelos céus! — exclamou o ganso. — Vão chover varas.

E assim correu para a água.

— Eu sabia que causaria um grande furor — arquejou o rojão, apagando-se.

The End



Extra: Biografia de Oscar Wilde

Oscar Fingal O'Flahertie Wills Wilde, mais conhecido como Oscar Wilde, nasceu em 1854, em Dublin, na Irlanda. Wilde foi escritor, poeta e dramaturgo irlandês que ficou mundialmente conhecido por seu clássico romance, o famoso *O Retrato de Dorian Gray*.

A literatura parecia correr no sangue dos Wilde. Tanto o pai de Oscar quanto sua mãe não eram estranhos à veia literária. Seu pai, Sir William Wilde, era um importante médico da época e autor de livros de medicina, arqueologia e folclore local. Sua mãe, que escrevia sob o pseudônimo Speranza, era uma poetisa e autoridade

em mitos e folclore celtas. *As mulheres chifrudas*, um dos contos escritos por Lady Wilde, está presente na coletânea *Os melhores contos de fadas Celtas*, publicada pela Editora Wish.

Entretanto, Wilde também se destacou como acadêmico. Ganhou bolsas para estudar na Trinity College, em Dublin, e na Magdalen College, em Oxford, onde se formou com honras. Durante a faculdade atraiu olhares para sua escrita, vencendo o cobiçado prêmio Newdigate, em 1878, por seu poema Ravenna.

Oscar Wilde aceitou o convite de lecionar nos Estados Unidos e no Canadá por cerca de um ano antes de retornar para o Reino Unido onde casou-se com Constance Lloyd em 1884, e teve dois filhos, Cyril e Vyvyan. Wilde começou a escrever contos de fadas para seus filhos e, em 1888, publicou *The Happy Prince and Other Tales*, uma coletânea de contos de fadas ilustrada por Walter Crane e Jacomb-Hood.

Oscar Wilde se dedicou cada vez mais à produção literária, trabalhando em peças de teatro e ensaios e foi porta-voz de um movimento que abalaria as estruturas literárias e sociais da época.

O Esteticismo foi um movimento artístico e intelectual que nasceu ao final do século XIX, na Europa, e se centrava na doutrina de que a arte existe apenas para sua beleza e não para servir a nenhum outro propósito. Seria a “arte pela arte”. O movimento exaltava os valores estéticos em detrimento de temas sociais e políticos nas artes, entre elas a literatura. O movimento surgiu e ganhou força como uma reação às filosofias sociais utilitárias predominantes e ao que era percebido como a feiura e o filistinismo da era industrial.

Seu mais célebre trabalho, *O Retrato de Dorian Gray,* foi publicado de forma seriada na Lippincott's Magazine, em 1890, antes de ser editado em forma de livro, em 1891. A obra gerou controvérsias, mas terminou por consagrar Oscar Wilde como um dos maiores escritores ingleses até hoje. Ele viria a publicar outros trabalhos como *Lord Arthur Savile's Crime, and Other Stories*, coletânea de contos, *A House of Pomegranates*, contos de fadas, *O Fantasma de Canterville*, uma fantasia, e diversos outros trabalhos.

Entretanto, mesmo tendo se tornado uma figura pública, Wilde não passou ileso pelo puritanismo e conservadorismo da época. No dia 6 de abril de 1895, Oscar Wilde foi preso após perder um caso de difamação contra o Marquês de Queensberry. Wilde foi denunciado como homossexual pelo caso que mantinha com o filho do marquês.

Na época, em meio a uma sociedade puritana e preconceituosa, a homossexualidade era considerada crime e passível de punição. Wilde tentou processar o Marquês de Queensberry por difamação, mas perdeu o caso e foi sentenciado a dois anos de trabalho forçado por atentado ao pudor. Quando foi solto, em 1897, Oscar Wilde viajou para a França para se reinventar como autor. Entretanto, pouco se sabe sobre sua produção literária durante o período.

Oscar Wilde morreu subitamente de meningite aguda causada por uma infecção no ouvido, em 1900. Wilde se tornou um autor extremamente relembrado postumamente, com novas edições de seu mais célebre trabalho sendo lançadas com frequência e

apresentando Oscar para gerações futuras.

O Rojão Notável é um dos contos de fadas na coletânea *The Happy Prince and Other Tales*, de 1888, ilustrada por Walter Crane e Jacomb-Hood, e disponibilizado para os assinantes da Sociedade das Relíquias Literárias, pela Editora Wish.

Deixe sua avaliação no Skoob

Busque por

O Rojão Notável

Participe do Grupo

Novo grupo no Telegram!

Papeie sobre este conto no:

t.me/sociedadewish

Profissionais que trabalharam neste conto



Carol Chiovatto

TRADUÇÃO

Tradutora, escritora e acadêmica. Mestra e doutoranda em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês (USP)

@carolchiovatto



João Rodrigues

PREPARAÇÃO

Bacharel em Tradução e especialista em Produção e Revisão Textual.

@jojsrodrigues



Karine Ribeiro

REVISÃO

Escritora premiada, tradutora e revisora, graduanda em Tradução pela UFMG. **@realkirs**



Bruno Félix

ILUSTRAÇÃO

Ilustrador apaixonado por games e boas histórias. No *concept art* achou o lugar para suas ideias criativas.

@brunofelixart



Marina Avila

PROJETO GRÁFICO

Produtora editorial e fundadora da Wish. Mãe de gatos e de livros.

@marinalivros



Valquíria Vlad

COMUNICAÇÃO E COMUNIDADE

Escritora, pesquisadora e publicitária formada pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

@valquiriavlad



Laura Brand

MEDIAÇÃO E PARATEXTOS

Editora, coordenadora editorial, jornalista e criadora de conteúdo. Formada pela PUC-MG e Columbia Journalism School. **@nostalgiacinza**

Muito obrigada por apoiar este financiamento coletivo!

Neste mês foi possível viabilizar a curadoria, tradução, revisão e ilustração do conto *The Remarkable Rocket*! A cada mês de assinatura, a Wish continuará resgatando os tesouros do passado em novas edições para os caçadores das Relíquias Literárias.

Vamos resgatar estes contos raros juntos?

Relíquia 025/Abr 2022

NO PRÓXIMO MÊS

Um conto de Edith Nesbit

Uma história de fantasia de Edith Nesbit, autora de *O Livro dos Dragões*